

SIMÕES LOPES NETO E A REVISTA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO: VALORIZAÇÃO E RELEITURA DE UMA OBRA

Iuri Almeida Müller

Doutorando em Teoria da Literatura – PUCRS

iuri.muller@gmail.com

RESUMO

Este trabalho coloca em paralelo a obra literária do escritor Simões Lopes Neto, representante do que se chama de regionalismo no Rio Grande do Sul, e a produção da revista literária *Província de São Pedro*, que circulou no mesmo estado entre os anos de 1945 e 1957. No artigo, observo que a ficção de Simões Lopes Neto, entra em contato com a *Província de São Pedro* e a *Livraria do Globo*, que editava a publicação, passou por releituras e acabou valorizada, ao passo que a revista encontrou no autor talvez o exemplo mais relevante para a proposta literária que defendia em suas edições.

PALAVRAS-CHAVE: Simões Lopes Neto, Regionalismo, Revista *Província de São Pedro*.

RESUMEN

Este trabajo pone en paralelo la obra del escritor Simões Lopes Neto, representante del regionalismo en la literatura del Rio Grande do Sul, y la producción de la revista literaria *Província de São Pedro*, que apareció en 1945 y dejó de publicarse en 1957. En el artículo, observo que la ficción de Simões Lopes Neto, en contacto con la revista *Província de São Pedro* y la *Livraria do Globo*, que editaba la publicación, he pasado por relecturas y terminó valorada; por otro lado, la revista encontró en el escritor quizás el ejemplo más importante para la proposición literaria defendida en sus ediciones.

PALABRAS CLAVE: Simões Lopes Neto; Regionalismo; Revista *Província de São Pedro*.

1. A PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO: BREVE HISTÓRICO DE IDEIAS E PROPOSTAS

A revista Província de São Pedro circulou no Rio Grande do Sul, simultaneamente como território e objeto da publicação, por doze anos, ou seja, vinte e uma edições. Surgiu amparada pela Livraria do Globo, que dirigiria a novidade, e teve o seu fim justamente no momento em que a Globo, que arcava também com os custos, passava por graves dificuldades financeiras. Pelas suas páginas passaram, além do editor e idealizador Moysés Vellinho, nomes como Mario Quintana (e o seu *Caderno H*), Augusto Meyer, Guilhermino Cesar, Carlos Reverbel, Dyonélio Machado, Viana Moog, Erico Verissimo e outros tantos. Em âmbito nacional, Cecília Meirelles, Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Otto Maria Carpeaux escreveram para a revista ao longo daquela década e um pouco mais. A intenção, dita desde a primeira ocasião, era clara: divulgar e incentivar as atividades culturais no Rio Grande do Sul, mas sem aderir a localismos vulgares.

"O que PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO deseja não é afogar-se nas águas rasas da retórica regionalista" (1945, p. 7), escreve Vellinho no editorial de número 1 da publicação. E o editorial primeiro de uma iniciativa que se pretendia duradoura e respeitável é mais do que um texto de abertura, funciona como uma carta aberta aos seus leitores: indica para que lado a revista caminhará, o que se pretende, como se posiciona e o que defende. É o texto de fundação, ainda que, depois de seis ou sete edições, o contexto e as circunstâncias possam muito bem ser distintos e pesem mais do que as expectativas. Mas a caligrafia de Vellinho nos permite enxergar, na inauguração da Província de São Pedro, um forte desejo de que o provincianismo (num sentido bem delimitado da palavra) encontre espaço ali, que esta novidade literária sirva como lugar para os seus escritores, músicos, ilustradores, críticos literários e professores. Mais do que isso, haveria igual oportunidade para a

discussão política, para pensar como o Brasil vê o seu estado e como o Rio Grande do Sul mira o país.

“É uma publicação regional, sem dúvida, faz questão de sê-lo, mas não a animam exclusivismos localistas. Seu objetivo é o de fomentar, no Rio Grande do Sul, as obras da inteligência, através do ensaio, da crítica, da ficção, da poesia, de todas as manifestações do pensamento” (1945, idem), continua Vellinho. A intenção era a de publicar escritores consagrados e com algum alcance para além dos limites estaduais e abrir as portas para os que iniciaram há pouco. Por outro lado, recuperar autores e intelectuais do passado, esquecidos por ora, mas que se enquadravam na proposta literária e editorial da revista. Assim, faria a produção cultural gaúcha manter-se em movimento, em constante produção e multiplicação, e ao mesmo tempo se esforçaria para os que textos fossem lidos também em outras províncias, que circulassem pelo país.

“Guardando-se dos perigos de um tradicionalismo estreito e das pieguices do saudosismo, terá sempre presentes, no entanto, os elementos fundamentais da tradição local, os autênticos valores do passado, porque acredita que a preservação de certas fixações é indispensável à caracterização de uma cultura” (1945, idem), movimenta-se o editor. De modo que haverá espaço também para o folclore, para os relatos fundadores. Desde que não se deixe de lado o contraste: não por oposição, mas por pluralidade. O primeiro número da revista já apresenta esta situação de maneira clara. O editorial defende a preservação dos valores provincianos, mas se propõe a ir mais longe do que isso. E de fato a Província de São Pedro se estende no espaço: na edição de número 1, está o conto *Chininha*, do porto-alegrense Athos Damasceno, ao passo em que, páginas antes, aparecem os versos românticos de Álvares de Azevedo. No mesmo caderno, Mem de Azambuja Sá escreveria sobre as “características demográficas e econômicas” de três regiões do Rio

Grande do Sul. Mapas e tabelas, como os utilizados no artigo de Sá, seriam empregados na revista literária sem pareceram intrusos em meio a ensaios e sonetos.

A revista seguiria adiante com esta fórmula, e com ela conquistaria elogios de diversos intelectuais brasileiros. Na última página da segunda edição, Sérgio Buarque de Hollanda opinaria que “com a PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO a inteligência brasileira recupera enfim o estímulo que lhe faltava desde o desaparecimento da 'Revista do Brasil'” (1945, p. 187), enquanto Drummond, que passaria da condição de avaliador para de colaborador da publicação, afirmaria que “com esta revista o Rio Grande do Sul ganha um instrumento cultural de primeira ordem, apto a exercer sadia influência na vida cultural do país” (1945, *idem*). O paraibano José Lins do Rego, por sua vez, diria que o estado “conseguiu formar um jornal que é sem favor algum a melhor coisa que existe no gênero em todo o país” (1945, *idem*). Outras considerações positivas chegariam depois e, aos poucos, a revista se consolidaria como referência no sul do Brasil. Doze anos mais tarde, no entanto, encerraria as atividades.

Na revista de número 21, já de 1957, há poucos indícios que podem sugerir o fim da publicação. Entre os colaboradores da edição, estão outra vez Buarque de Hollanda e Raul Bopp, por exemplo, e longos ensaios sobre Viginia Woolf (de Bernardo Gersen) e Cruz e Souza (assinado por Carlos Dante de Moraes). Moysés Vellinho, em seu espaço editorial, não aborda a crise financeira da Livraria Globo, que atingiria também a Província de São Pedro, e tampouco escreveria uma despedida aos leitores, se é que, naquele momento, o encerramento já estava decidido. O ensaísta aborda a história de Sepé Tiaraju e das missões jesuíticas, e acaba por comentar sobre os heróis do estado. Sem aceitar maiores modificações na estrutura da Província de São Pedro – como a adesão a publicidades sem

relação com a literatura e a própria Globo, o que era admitido até então – o corpo editorial da revista decidiu pelo fim das impressões em 1957.

Por anos, o desaparecimento da *Província de São Pedro* deixou uma visível lacuna na discussão intelectual do Rio Grande do Sul. No entanto, é visível a sua herança e o seu legado: em pouco mais de duas dezenas de edições, a publicação pôde reabilitar escritores até então vistos como “fora de moda”, discutir o provincianismo como um movimento não necessariamente de oposição ao Brasil, aproximar a produção literária do estado a críticos e ensaístas de outras regiões do país e revelar novos nomes para as letras brasileiras. Ao realizar uma defesa lúcida das particularidades regionais e das idiossincrasias de uma terra, pôde partir do particular para o universal, do foco regional para algumas das grandes questões da literatura.

Neste ensaio, busco relacionar a proposta norteadora da revista *Província de São Pedro* com um dos escritores que mais aparecem em suas páginas – o pelotense João Simões Lopes Neto (1865-1916), autor dos hoje clássicos *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul*. À época da circulação da *Província de São Pedro*, os livros de Simões Lopes Neto não tinham, ainda, o alcance que possuem na atualidade. Reconhecido apenas postumamente, foi com a Livraria do Globo (que republicou a sua obra em edições críticas e distribuiu-o fora do Rio Grande do Sul) e a própria revista (que abordou os seus textos em ensaios e publicou, na íntegra, alguns dos seus contos), nos anos 1950 e 1960, que o escritor pelotense pode ser visto como mais do que um folclorista. Com a releitura da sua obra, foi tido como um dos maiores regionalistas do sul do Brasil e, para alguns dos seus críticos, ultrapassa mesmo as fronteiras do regionalismo. Enquanto alguns dos escritores aplaudidos por diversos ensaístas naquela mesma época quase desapareceram da história literária do Rio Grande do Sul, com

Simões Lopes Neto acontece o inverso: é cada vez mais editado, mais discutido e valorizado. Penso, entretanto, que esta relação se deu na verdade em dois sentidos: ao mesmo tempo em que ganhou valor, os escritos do autor de *A salamanca do Jarau* serviam como a melhor expressão do provincianismo a que se propunha a Província de São Pedro, e em parte foi por isso que mereceu tamanha divulgação.

2. JOÃO SIMÃO LOPES NETO: REGIONALISTA DO PARTICULAR AO UNIVERSAL

Nascido em Pelotas, na Zona Sul do estado, no seio de uma família rica e tradicional, João Simões Lopes Neto não pôde observar, em vida, o efeito que seus livros e sua técnica narrativa causaram na literatura gaúcha. A publicação de *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul* ocorreu poucos anos antes da sua morte, na mesma cidade em que nasceu e na qual passou a maior parte da vida. Foram trabalhos à frente de negócios – muitos deles terminados em ruínas e em rombos financeiros para a família – e no jornalismo gaúcho os ofícios centrais da sua existência, e não a literatura, ainda que tenha dedicado tempo e expectativa aos livros e às histórias que, por anos, esmerou-se em ouvir, registrar e depois transformar em ficção. A sua intenção modesta era mais dirigida ao folclore e à permanência de uma cultura do que para a construção de uma grande obra literária – que acabaria por formar mesmo sem perceber de todo.

Escreve Flávio Loureiro Chaves que a presença de Simões Lopes Neto na literatura do Rio Grande do Sul “não fez senão crescer daí até os nossos dias. Estamos diante de um desses casos, aliás, frequentes na história literária, em que a força irradiadora da obra ultrapassa o destino absolutamente opaco do autor que a produziu” (1990, p. 43). O autor

por uma dessas ironias da existência e da literatura, não teve conhecimento do alcance dos seus contos, que acabaram por imortalizar um personagem (Blau Nunes, o gaúcho) e um cenário (o pampa, os campos do sul). Embora, a maior parte dos seus relatos, mesmo as lendas, tenham como pano de fundo o ambiente rural, o escritor só teve contatos demorados com este cenário durante a infância, época em que passou muito tempo nas propriedades rurais da sua família. Depois, sua rotina seria urbana, com uma ligeira passagem pelo Rio de Janeiro, antes de fincar raízes na sua cidade natal.

Para o professor Luís Augusto Fischer, organizador da última edição de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, “Simões Lopes Neto pegou da experiência direta que tinha do mundo campeiro gaúcho, da fazenda de criação de gado, assim como da tradição guerreira do mundo da fronteira do Brasil com os países do Prata, e com esse barro forjou personagens impressionante, homens desassombrados e mulheres determinadas, vivendo cenas de intensa força” (2012, p. 12). Orientado por Blau Nunes, o leitor atravessa parte do território do estado, das cercanias de Pelotas ao Cerro do Jarau, na fronteira com o Uruguai, entre outras localidades. Blau aparece como narrador em *Contos Gauchescos* e como personagem de algumas lendas. Para muitos dos estudiosos de sua obra, a criação de Blau Nunes é um dos mais bem-acabados artifícios literários que João Simões encontrou para dar forma aos seus “causos”.

O ambiente, as peculiaridades dos personagens, o vocabulário utilizado e a menção a acontecimentos históricos do Rio Grande do Sul, entre outras características presentes nos seus textos, fazem com que os contos do escritor pelotense sejam inseridos dentro do período literário denominado de regionalismo. Conforme a professora e pesquisadora Maria Eunice Moreira afirma,

(...) quando se encerrou o período 1870-1920, podia se falar em uma literatura sul-riograndense. Das manifestações isoladas dos primeiros ficcionistas da Província, encontravam-se agora expressões literárias que deixavam entrever uma comunhão entre os homens de letras, mobilizando suas afinidades profundas e chegando a uma comunicação. No seu transcorrer, consolidou-se uma literatura de tipo regionalista. (MOREIRA, 1982, p. 29).

Por sua vez, Flávio Loureiro Chaves afirma que “Simões Lopes Neto manteve, no universo imaginário de sua ficção, o protótipo deste gaúcho tradicional, idealizado no cancionero popular e por todos os escritores regionalistas que o precederam” (1990, p. 45), enquanto que Maria Eunice Moreira opina que o regionalismo gaúcho se consolida com a publicação dos *Contos Gauchescos* (em 1912) e de *Lendas do Sul* (no ano seguinte).

No conto *Trezentas onças*, que abre o livro *Contos Gauchescos*, Blau Nunes narra ao *patrício* – interlocutor criado por João Simões e que escuta com atenção o “causo” que será contado pelo narrador – uma história típica daquele cenário e das suas circunstâncias. A narrativa se passa no passado; é, mais uma vez, fruto da memória de Blau, e ao que parece estava repousando nas recordações de Blau Nunes até o momento em que um gatilho põe o enredo em movimento. Desta vez, o narrador e o *patrício* passam ao lado do lugar em que aquela situação ocorreu, em outro tempo, um tempo antigo: “Parece que foi ontem!... Era por fevereiro, eu vinha abombado de troteada³” (2012, p. 83), podemos ler.

Blau irá recordar que, daquela vez, ao dormir a sesta na sombra de alguns arbustos em meio ao trajeto que recorria a cavalo, distraiu-se como poucas vezes. Estava cansado e, ao acordar, jogou-se no rio, ainda que tenha dado braçadas “poucas, porque não tinha cancha para um bom nado”. Doravante, ajeitou os pertences, montou no cavalo e retomou o caminho. E foi só quando chegou à estância, como que três léguas depois, que percebeu estar estranhamente leve: havia deixado a guaiaca na restinga em que descansou, e dentro

dela repousavam as trezentas onças que deveria entregar ao patrão... O vocabulário, como nos demais contos do livro, apresenta já na primeira vez em que os olhos passam sobre o texto as particularidades regionais: a sesta num ambiente amplo, esvaziado, quase bucólico, ao lado do cavalo que também descansa e de um cachorro companheiro, que na narrativa ainda tenta avisar ao dono que havia algo fora do lugar, também são típicos das paragens gaúchas. O mesmo pode ser dito do trajeto – ir e voltar para a estância, ver-se sem amarras no plano aberto que é constituído pelo pampa do Rio Grande do Sul e ainda assim ter de voltar para o “pago” ou a “querência”. A reação do narrador-personagem perante os acontecimentos, no entanto, está para além das fronteiras regionais e da linguagem de um território. O gaúcho que se vê sem o dinheiro e se assusta com a possibilidade de perder o respeito e ser acusado de mentiroso pelo patrão entra na teia do desespero, cogita o suicídio. É salvo pelos ruídos da natureza, pelo céu do mesmo cenário que o traiu. E este jogo de Simões Lopes Neto com alguns dos dramas da condição humana não necessariamente tem lugar certo numa das províncias do Brasil – poderia se suceder em outros estados, longe dali.

O que chamamos de “dramas da condição humana” também pode ser vistos em outros contos. No *manantial*, um dos seus mais famosos relatos, é, antes de qualquer outra situação também presente na narrativa, a história de um amor interrompido pela violência; tem como cenário os campos do Rio Grande do Sul, outra vez, é certo, mas não seria estranho se o pano de fundo na verdade fosse uma paisagem situada a quilômetros daquele local. Como em *Trezentas onças*, Blau Nunes apresenta o espaço e o enredo, pois os têm na memória. Tinha conhecimento dos fatos e da perseguição que Chicão levou adiante para violar Maria Altina porque estava presente – era um dos tantos homens que se encontravam pela volta das estâncias quando os fatos ocorreram. Aliás, o narrador conhecia aquele solo

desde a infância, como conta logo nos primeiros parágrafos de “No Manantial”: “Eu, desde guri conheci o lagoão já tapado pelos capins, mas o lugar sempre era respeitado como um tremedal perigoso; até contavam de um mascate que aí atolou-se e sumiu-se com duas mulas cargueiras e canastras e tudo....” (2012, p. 99). O que Blau relata é o perigo do mencionado lagoão, que teria participação decisiva na história de Maria Altina, de seu pai, Mariano, e de Chicão, o perseguidor.

“Trezentas onças” e “No Manantial” são, pois, dois dos exemplos (e poderíamos nos utilizar de vários dos *Contos Gauchescos* e da maioria das lendas) em que o narrador recorre ao passado para, ao conversar com este *patrício*, que ouve e atenta para o relato, dar forma aos acontecimentos que se esforça para contar. João Simões Lopes Neto, na infância vivida no ambiente rural e mais tarde no jornalismo, ou na dedicação que empregou para o resgate do folclore, do vocabulário e das expressões idiomáticas dos homens da sua região, foi, enfim, um escritor profundamente apegado ao documental, à preservação da cultura de sua terra e da forma com que esta cultura se manifestava na linguagem. Para Flávio Loureiro Chaves, a narração de Blau Nunes aponta para uma “memória coletiva” que Simões Lopes Neto recorreria nas suas histórias, como nas duas mencionadas acima:

Ocorre que o eixo da personalidade do vaqueano revela-se menos na exterioridade dos predicados guascas e muito mais através de um atributo intransferível, esta memória de rara nitidez à qual seu companheiro faz menção em primeiro plano. Trata-se de um hábil recurso de Simões Lopes Neto e aí se instaura a ambiguidade da narrativa, estabelecendo o contraste entre o objetivo e o subjetivo, também o trânsito do regional para o universal. A memória é certamente uma memória coletiva que restabelece o tempo histórico e, assim, os acontecimentos decisivos que traçam a crônica de uma determinada região, o pampa (CHAVES, 1990, p. 48).

De modo que, ao assumir não apenas a mirada própria, individual, mas um olhar plural, que toma o conjunto das distintas histórias e dos muitos narradores de toda uma região geográfica que é, ao mesmo tempo, também espaço cultural, o escritor impõe o

paradoxo: é regionalista sem deixar de ser universal, ainda que sua linguagem e suas cores estejam, sim, fortemente ancoradas no panorama do Rio Grande do Sul.

3. O ESCRITOR PELOTENSE E A REVISTA LITERÁRIA: VALORIZAÇÃO E RELEITURA DE UMA OBRA

João Simões Lopes Neto é um dos nomes mais presentes na revista *Província de São Pedro*, principalmente nos primeiros anos da publicação. Se, como foi dito antes, o editorial primeiro de uma revista tem enorme significado para o que virá em seguida, o mesmo pode ser analisado quanto ao conteúdo da edição inaugural. E em junho de 1945, marco desta primeira edição, o autor pelotense aparece com grande destaque. A revista opta por publicar, na íntegra, o longo conto “A salamanca do Jarau”, presente em *Lendas do Sul*, ao passo que um dos ensaístas mais assíduos da *Província de São Pedro*, Augusto Meyer, dedicará um ensaio de apresentação da obra de Simões, da qual se revela um leitor apaixonado. Mais tarde, Dyonélio Machado também o incluirá numa contribuição que escreveu para a revista. Carlos Reverbél, membro do corpo editorial da *Província de São Pedro*, ocupará quase duas dezenas de páginas com uma minuciosa abordagem biográfica de Simões Lopes Neto.

O escritor também apareceria numa situação por assim dizer externa aos textos: na terceira edição da *Província de São Pedro*, datada de dezembro de 1945, a Livraria do Globo divulgaria, por meio de publicidade, a chamada para a publicação de *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul* num único volume, no qual apareceriam dois textos críticos. Aurélio Buarque de Hollanda se ocuparia de comentar a linguagem e o vocabulário do escritor, enquanto que o já comentado Augusto Meyer seria o responsável pela “introdução crítica” à leitura dos

contos. A peça publicitária inclui o rosto do escritor e o compara com os argentinos Sarmiento e Ricardo Güiraldes, dos quais, se aproximaria em função do “vigor” da narrativa, no caso do primeiro, e de “uma vibração campeira”, tal qual o segundo.

Por aqueles anos, a Livraria do Globo era a maior casa editorial do Rio Grande do Sul e atuava também em São Paulo e no Rio de Janeiro. O anúncio publicitário aparecerá nas páginas pouco depois do ensaio de Meyer e da publicação de alguns dos textos de Simões Lopes Neto – não por coincidência, é certo. Isso porque a Província de São Pedro nasceu a partir da Livraria do Globo, e dela dependeria o seu futuro editorial e financeiro. Ao longo dos anos em que circulou, outros anúncios surgiriam, noticiando e divulgando a publicação de outras obras. Simões Lopes Neto voltaria a se fazer presente. No primeiro anúncio, podemos ler: “A expressão literária de Simões Lopes Neto é vida, antes do mais. Vida do povo no campo. Tudo colorido do tradicional jeito gauchesco. Mas de tal forma que (...) a sua obra, agora reeditada, sempre mereceu a melhor compreensão e o melhor entusiasmo entre os leitores de todo país” (1945, p. 172). A revista irá se vincular ao legado literário de Simões Lopes Neto; a obra do escritor pelotense será alavancada pelo respaldo e pela valorização desta releitura, que a brinda com textos críticos e garante uma edição nova e comentada nas livrarias de todo o país. Essa relação entre revista, casa editorial e autor se dá justamente porque há o encontro de propostas em sintonia, de visões sobre a literatura e o Rio Grande do Sul que se encaixam.

Para Augusto Meyer, com Simões Lopes Neto e as suas escolhas, pensadas ou não, temos enfim o ponto alto no regionalismo gaúcho:

Na sua identificação com as fontes da tradição oral descobrimos o sêlo da unidade psicológica, um comportamento necessário e inevitável. Simões Lopes foi, por ensejo e instinto, o intérprete das tendências e tradições do nosso homem do campo (...) Por fatalidade temperamental, o medíocre folclorista acabou em poeta, usada a palavra no sentido lato, pois foi êle em essência o nosso poeta e o

momento culminante do nosso regionalismo que ainda é, bem ou mal, a única nota característica na produção literária do Sul (MEYER, 1945, p. 106).

Para lembrar: a revista *Província de São Pedro* defendia os “valores de província”, as particularidades regionais, sem cair nas facilidades do bairrismo e de outras defesas incondicionais; propunha, em resumo, a valorização da cultura do Rio Grande do Sul dentro de um âmbito maior, o brasileiro. A obra de Simões Lopes Neto, por sua vez, inserida no que chamamos de regionalismo, transforma o que era folclore em literatura. Como foi comentado, ao narrar os “causos” dos gaúchos que atravessavam os campos ainda abertos do pampa, o autor foi do particular ao universal, valeu-se de um vocabulário regional e de uma linguagem típica deste território para se aventurar nos questionamentos sobre a condição humana. Nesse provincianismo lúcido se encontram em consonância as propostas da revista literária e da obra do escritor.

Na sequência, Meyer irá abordar a linguagem. Para o ensaísta, o maior mérito literário de Simões Lopes Neto foi ter solucionado uma questão de estilo. Nos seus contos, podemos enxergar com clareza o linguajar gauchesco, que por vezes torna necessárias as notas de rodapé e as explicações sobre o sentido de cada verbete; no entanto, em muitas situações, nestes mesmos textos, há espaço também para uma prosa criadora, que se afasta ligeiramente da que pode ser lida na voz de Blau Nunes – que não poderia narrar de outro modo, visto que era narrador e personagem daquele meio – e se aproxima do escritor, do Simões Lopes Neto que adentra a narrativa:

O que me parece extraordinário no seu caso é o problema de estilo que conseguiu resolver. Entre o linguajar e a estilização, não notamos solução de continuidade. Quando joga com os recursos tão limitados do estilo indireto, raras vezes o leitor se dá conta do momento crítico da transição, do momento em que a prosa rude, colorida, sincopada de Blau Nunes deixa transparecer a voz do autor, em que a imaginação livre do campeiro 'contador de causos' se transforma em imaginação consciente e criadora (MEYER, 1945, p. 106).

Ainda assim, não seria simples a divulgação da obra de Simões Lopes Neto para além dos limites do território gaúcho. Na edição da Livraria do Globo, Aurélio Buarque de Hollanda organiza um glossário para decifrar as palavras incompreensíveis para os brasileiros de outras regiões e no ensaio que é citado aqui Augusto Meyer denomina as expressões do pelotense não como exemplos de uma linguagem 'gauchesca', mas chama de “brasileirismos do extremo sul” (1945, p. 108). Fica clara a intenção de pensar a obra de Simões dentro da literatura nacional, e não como algo apartado do que é escrito no Brasil – bem ao modo da concepção de provincianismo da revista Província de São Pedro, e não por acaso. Mesmo hoje o problema do vocabulário permanece central. Na mais recente organização de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, a de Fischer para a editora L&PM, o conto “A salamanca do Jarau”, por exemplo, recebe exatamente 280 (!) notas de rodapé; grande parte delas realmente necessárias para o entendimento de algumas passagens.

Augusto Meyer reconhece a problemática quando escreve no referido ensaio que “embora se enquadre na literatura regionalista — é um obstáculo muito sério para a maior difusão da obra - (*seus contos*) acham-se fundamente marcados de verdade humana, transcendendo o círculo restrito do interesse local” (1945, p. 108). No entanto, esta questão não chega a ser contraditória e tampouco ocorre apenas com Simões Lopes Neto. O mesmo acontece com escritores de outros estados do Brasil e de outras gerações. É célebre caso do *Grande Sertão: Veredas*, para ficar com apenas um exemplo. A ideia de Flávio Loureiro Chaves, mesmo sem tocar diretamente no tema da linguagem, tem a força necessária para resumir o alcance da obra de Simões, apesar da complexidade: “a figura de Blau Nunes é mais do que um tipo regional a resumir num só paradigma as características essenciais do gaúcho. Embora nascido no pampa e jamais cruzado a sua fronteira, Blau Nunes na dupla

condição de narrador e protagonista dos *Contos Gauchescos*, é cidadão de qualquer latitude” (1990, p. 50).

Após a publicação de “A salamanca do Jarau” e do ensaio crítico de Augusto Meyer, a revista *Província de São Pedro* seguiria se ocupando da literatura do escritor pelotense. Vários dos *Casos de Romualdo*, este de 1914, estampariam as páginas, da mesma maneira com que os comentários críticos voltariam a surgir. Esta relação se interrompe bruscamente em 1957, com o fechamento da revista, mas havia deixado frutos: a obra de João Simões Lopes Neto, em contato com a *Província de São Pedro* e a Livraria do Globo, passou por releituras e acabou valorizada, ao passo que a publicação encontrou no autor talvez o exemplo mais relevante para a proposta literária que defendia em suas edições.

REFERÊNCIAS

- CHAVES, Flávio Loureiro. **Simões Lopes Neto**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1990.
- LOPES NETO, João Simões. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul** – Introdução, fixação de texto e notas por Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- MEYER, Augusto. **Cancioneiro gaúcho**. Porto Alegre: Globo, 1959.
- MOREIRA, Maria Eunice. **Regionalismo e Literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/ICP, 1982.
- PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO. In: MOTTIN, Antônio João Silvestre; MOREIRA, Alice T. Campos; GLOCK, Flávio Soibelman et al. **Revista Província de São Pedro / 1945/57: catálogo e texto**. Porto Alegre, PUCRS, 1999. Edições: 1; 2; 3; 4; 5; 9; 11; 12; 20; 21. CD-ROM.

Recebido em 04 de abril de 2016
Aceite em 15 de junho de 2016

Como citar este artigo:

MÜLLER, Iuri Almeida. Simões Lopes Neto e a Revista *Província de São Pedro*: valorização e releitura de uma obra. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 22, jan.-jun. 2016, p 401-415. Disponível em: <http://www.pglettras.uerj.br/palimpsesto/num22/estudos/palimpsesto22estudos08.pdf>. Acesso em: dd mmm. aaaa. ISSN: 1809-3507.